

Economista propõe redução das dívidas do Terceiro Mundo

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

A mais nova proposta de redução da dívida externa do Terceiro Mundo vem de uma pessoa especialmente bem situada para fazê-la: Pedro — Pablo Kuczinski. Ele centraliza experiências nos dois mundos. Peruano, foi ministro das Minas e Energia de seu país. E, banqueiro, culmina uma brilhante carreira como presidente do First Boston Internacional.

"De fato, não faltam propostas, mas assim mesmo estou lançando a minha para discussão", disse ele a este jornal, durante uma entrevista exclusiva de cinqüenta minutos, em seu escritório no 41º andar do Park Avenue Plaza, num recanto elegante no meio de Manhattan.

Os detalhes da sua proposta estão num artigo que será publicado na próxima edição da revista International Economy, mas Kuczinski concordou em sumarizá-los para este jornal. "É um plano muito simples e não creio que tenha nenhum direito de autor", brincou.

"Parto da idéia de que os bancos não vão doar a dívida de graça", pondera. "É de que, se pedimos que baixem o custo do serviço por um tempo, vão querer algo em troca. Essa parte, na minha proposta, deve ser a possibilidade de recuperar parcela do que foi perdoado. A dívida externa do Terceiro Mundo seria dividida em duas partes." A primeira parte, de 50 e 60%, continuaria com o serviço atual, a taxa da Libor mais 13/16 avos. Os outros 40, 50%, iriam para o Banco Mundial (BIRD), que as transformaria numa ação preferencial. Essa renderia dividendos quando as exportações de um país produzissem saldos superiores a um certo patamar.

Os bancos poderiam receber esses lucros e acrescentá-los a seu capital. "De certa maneira", diz Kuczinski, "minha proposta é o inverso do que fez o Morgan Guaranty em sua recente operação com o México. O Morgan conseguiu converter parte da dívida do México numa ação, garantida por um cupom 'zero' do governo norte-americano (1). A lógica do Morgan, portanto, é a de garantir a parcela que ele perdoou. A minha proposta é de que a renda da parte perdoada vá garantir a parcela da dívida que continua no banco..."

Kuczinski tem estudado a dívida externa do Terceiro Mundo profundamente. Ele foi uma das pessoas entrevistadas pelo The New York Times às vésperas da última reunião do Fundo Monetário Internacional (FMI), para dar sua previsão (era pessimista e, no curto prazo, ainda é). Sua especialização pode ser vista no livro que acaba de publicar, editado pelo Twentieth Century Fund e pela Johns Hopkins University: "Latin American debt".

O livro é uma história de como a dívida foi feita, seguida de um exame das possíveis soluções, e foi saudado pelo The Wall Street Journal como uma exposição "clara e profunda, embora seca" (2). No levantamento metódico de Kuczinski, a dívida latino-americana começou a alcançar seus níveis nos anos 70, e os bancos são tão responsáveis por ela quanto os ditadores que a contraíram.

O que aconteceu naquela década foram os dois choques do petróleo, que deixou de ser uma commodity de centavos de dólar para chegar a US\$ 32 o barril. O Primeiro Mundo entrou decretadamente em recessão para reajustar-se aos novos preços. Os bancos internacionais acumulavam dólares dos árabes, os petrodólares, e não tinham a quem emprestar-lhos à sua volta. Mas havia no Terceiro Mundo ditaduras, e mesmo uma ou outra democracia, interessadas nesse dia-a-dia relativamente barato, e os bancos emprestaram.

EMPRESTIMOS DEMAIS

No começo dos anos 80, ficou evidente que os bancos haviam emprestado mais do que poderiam receber, e a crise da dívida externa eclodiu primeiro com a moratória informal do Brasil em setembro. No longo relato de Kuczinski, desde então, um país do Terceiro Mundo, pelo menos, entra em crise a cada ano. Este é o ano da Argentina, o próximo pode ser o México. O anterior foi o Brasil.

É difícil para ele colocar na generalidade de "América Latina" países tão diferentes. Por isso, nas pri-

meiras quarenta páginas, ele teve de fazer treze exceções só para o caso do Brasil. Basicamente, o desempenho brasileiro é diferente porque nessa década as exportações brasileiras deixaram de ser predominantemente agrícolas e passaram a ser principalmente industriais.

Como resultado, as exportações do Brasil sofreram menos com a perda de valor das commodities tradicionais. Kuczinski nota, por exemplo, que um carro ou caminhão leve produzido nos Estados Unidos gastava, em 1973, um terço de metal a mais do que hoje. A diferença obviamente deixou de ser importada da América Latina, e era necessária para produzir veículos que pudessem competir com os do Japão, mais econômicos.

AS SOLUÇÕES

Depois de analisar as raízes, ele lista cerca de onze soluções para o problema que circulam atualmente pelo mercado, embora a seu ver nem todas sejam sérias:

1. O Plano Baker, que colocaria novos recursos à disposição de países devedores que reestruturassem sua economia. "É menos um plano que uma demonstração de preocupação", fulmina Kuczinski.

2. O plano de Alan Garcia, presidente do Peru, que limitou pagamentos da dívida, unilateralmente, a 10% do saldo da balança comercial. "Não é sério", diz o autor.

3. O plano do Sistema Econômico Latino-Americano (SELA), do qual Cuba faz parte, que sugeriu o corte de metade dos juros atualmente pagos pelo Terceiro Mundo.

4. A proposta de Felix Rohatyn, o sênior vice-presidente do Banco Lazard Frères, cujo plano salvou Nova York da bancarrota no final dos anos 70: o débito seria consolidado sob uma nova instituição financeira, garantida por vários países industrializados. Ela trocaria títulos da dívida por seu próprio bônus, que pagaria taxas similares às que pagam os países industrializados.

5. A sugestão do professor Peter Kenen, de Princeton: uma nova International Debt Discount Corporation compraria a dívida do Terceiro Mundo por um desconto de 10%.

6. Um economista do Banco Mundial, Percy Mistry, propôs que os países industrializados fundem, no Banco Mundial, um esquema de reestruturação. Assim, seria emprestado dinheiro do mercado de capital, usando capital de um décimo de suas obrigações, e compraria o débito, repassando os descontos para os países devedores.

7. O banqueiro de investimentos Richard Weinert propôs o lançamento de outra ação do Banco Mundial para comprar dívida do Terceiro Mundo. "Em todos esses casos os bancos comerciais sofreriam profundas perdas", nota Kuczinski.

8. Um ex-vice-presidente do First Boston, Minos Zombakis, propôs que o Fundo Monetário Internacional garantisse os vencimentos de longo prazo dessa dívida. Em troca, os bancos aceitariam para esses papéis de longo prazo a taxa que cobrariam de um país do Primeiro Mundo, ou seja, bem menor.

9. Lord Harold Lever sugeriu que os bancos credores gradualmente fossem perdoando parte da dívida, para diminuir o peso do serviço, enquanto simultaneamente, sob orientação do FMI, fariam novos empréstimos ao Terceiro Mundo, garantidos pelas agências de crédito para exportação.

10. O co-presidente do Deutsche Bank, Alfred Herrhausen, propôs a criação de um fundo compensatório que estabilizasse as taxas de juros em, por exemplo, 7%, e use contribuições de bancos, bancos de desenvolvimento multilaterais e governos nos períodos em que a taxa real estiver acima desse patamar.

11. George Soros, administrador de fundos em Nova York, sugeriu a criação de uma agência internacional de empréstimos, que coletaria os empréstimos já feitos e continuaria a fazer novos — mas, desta vez, com a garantia de países industrializados.

O livro de Kuczinski termina em fevereiro de 1988. "O que aconteceu de lá para cá confirma minhas impressões", diz ele. "Basicamente, eu creio que a solução da dívida externa virá por causa dos fatos, com a nova administração aqui nos Estados Unidos. Se a situação continuar assim, os pobres do México vão invadir o sul dos Estados Unidos", concluiu.